



# Aliança Africana do Caju (ACA)

PROMOVENDO O CAJU AFRICANO NO MUNDO TODO

2008, Edição 9

[www.africancashewalliance.org](http://www.africancashewalliance.org)

Boletim de Notícias, Novembro de 2008

## Prezados Colegas do Caju!

Desde o último boletim de notícias, houve muitas atividades e apresentações na ACA. No início deste ano, a Aliança foi representada na Mostra "Gostos" de Alimentos de Nova Iorque e no Fórum de Alto Nível no Gana. E em setembro, a Aliança organizou a sua conferência anual junto com Conselho da Castanha de Caju da Tanzânia e a Associação de Processadores de Castanhas de Caju da Tanzânia, em Dar es Salaam.

Você poderá achar mais detalhes sobre a conferência anual e descarregar várias das apresentações interessantes diretamente do nosso sítio na internet:

[www.africancashewalliance.org](http://www.africancashewalliance.org).

Uma série de boletins de notícias destacará uma seleção de países africanos produtores de cajus. Os países em foco na atual edição são a Gâmbia e a Guiné-Bissau. Neste número também há informações sobre a 2ª conferência da Comissão Nacional do Caju na Guiné-Bissau, a qual ocorreu no início de outubro.

Novos investidores também entraram para o setor do caju. Leia, por exemplo, sobre Lars e Christine Wallewik, um jovem casal

dinamarquês que recentemente investiu na MIM Cashew e começou com o processamento de cajus.

A secretária da ACA, a qual está sediada no Gana, está trocando alguns de seus colaboradores. Nós estamos contentes em dar as boas-vindas a Christian Dahm, que começou a trabalhar no Centro para o Comércio na África Ocidental como gerente de caju no final de agosto de 2008. O Centro para o Comércio está pagando Christian e, entre outras tarefas, Christian será responsável por gerenciar a secretária da ACA. Nós estamos tristes em dizer adeus a Pernille Isaksson, que deixará a Secretária em 14 de novembro para mudar-se para a Suíça com a sua família. Nós desejamos a ambos, Christian e Pernille, boa sorte em seus novos postos e vidas e esperamos que Pernille continue a comer e promover os cajus africanos!

Esperamos que você goste desta edição do boletim de notícias da ACA e repasse-o a seus amigos e colegas interessados em cajus.

Secretaria da ACA, Acra, Gana

## Próximos Eventos

• **MOSTRA COMERCIAL E CONVENÇÃO DA PTNPA, 17 a 20 DE JANEIRO DE 2009, ILHA DE GRAND BAHAMAS, BAHAMAS** [WWW.PNTPA.ORG](http://WWW.PNTPA.ORG)

• **CONGRESSO MUNDIAL DE CASTANHAS E FRUTAS SECAS (INC), 29 a 31 DE MAIO DE 2009, MÔNACO** [WWW.NUTFRUIT.ORG](http://WWW.NUTFRUIT.ORG)

## Salada Tanzaniana de Abacaxi

- 3 abacaxis grandes
- 2/3 de xícara de castanhas de caju
- 1/2 xícara de coco em lascas
- 1 xícara de creme de leite
- 4 colheres de sopa de mel
- 1 1/2 a 3 doses (45 a 90 ml) de rum branco

1. Descasque os abacaxis e corte-os em cubos pequenos

2. Em uma frigideira seca, teste separadamente os cajus e o coco até ficarem levemente marrons, reserve-os até esfriarem

3. Misture o creme de leite, o mel e o rum a gosto e coloque esta mistura sobre os cubos de abacaxi

4. Guarde uma parte dos cajus tostados e do coco para usar como decoração e então junte o restante aos abacaxis

5. Misture bem e coloque no refrigerador para resfriar

6. Antes de servir, decore com os cajus e as lascas de coco guardadas.

Fonte: "A Cozinha Africana", de Josie Stow e Jan Baldwin

**Junte-se à ACA e torne-se um membro hoje mesmo! Inscreva-se no nosso sítio de internet!**



**Os Cajus Africanos – A Fonte Principal:** A terceira conferência anual da Aliança Africana do Caju, realizada em Dar es Salaam, na Tanzânia, proclamou o caju como "a fonte principal", uma força potente para o desenvolvimento econômico e a redução da pobreza na África. E não é difícil de ver a razão: Os produtores têm disposição e capacidade de cultivar mais cajus. O número e a qualidade dos processadores na África estão em crescimento. E o caju é o primeiro na preferência do consumidor em termos de castanhas e nozes. A conferência, organizada pelo Centro para o Comércio em sua capacidade de secretária da ACA, e sediada e co-patrocinada pelo Conselho da Castanha de Caju da Tanzânia, pela Associação de Processadores de Castanhas de Caju da Tanzânia e por outros elementos-chave, cobriu praticamente todos os aspectos do setor – desde como aumentar os rendimentos dos cajueiros até como comercializar o produto final a consumidores. Mais de 130 elementos-chave do setor, vindos de 19 países, participaram, entre eles 60 membros ativos da ACA. Confiantes no futuro do

setor do caju na África, eles fizeram e compareceram a apresentações, painéis e discussões, visitaram processadores locais de caju, compartilharam as suas melhores práticas e fecharam negócios de caju com parceiros comerciais encontrados há pouco. A possibilidade de fazer contatos foi um dos benefícios-chave da conferência. "O poder da possibilidade de fazer contatos nunca deveria ser subestimado", explicou Pernille Isaksson, da Secretária da ACA, "e esta conferência é a oportunidade ideal para isto". Ao juntar diversos atores do setor, a conferência possibilitou o compartilhamento de idéias, o estabelecimento de contatos e a intermediação de negócios. De fato, o programa da conferência foi concebido para permitir que os participantes façam negócios entre as sessões focalizadas. A exposição de processadores africanos a compradores internacionais resultou em novos pedidos de cajus processados e na esperança de muitos outros no futuro. "A conferência, onde todos deste setor estão reunidos no mesmo lugar ao mesmo tempo, é de valor inestimável", explicou um negociador internacional. "Eu andei negociando com várias das pessoas presentes por e-mail e telefone por algum tempo, mas nada estava avançando até que finalmente nos encontramos cara a cara. Então as coisas rapidamente entraram em sintonia". Para maiores informações, visite [www.africancashewalliance.org](http://www.africancashewalliance.org) ou contate a Secretária através do endereço [info@afriancashewalliance.org](mailto:info@afriancashewalliance.org).

**Novo Comitê Executivo:** depois de servir a Aliança Africana do Caju (ACA) nos últimos dois anos, chegou a hora de eleger um novo Comitê Executivo (CE). Antes da conferência, a ACA decidiu aumentar o tamanho do CE de cinco para sete membros. Sendo assim, o CE agora compreenderá cinco membros representantes do setor privado de países africanos produtores de caju e dois representantes de companhias internacionais.

Os representantes das companhias internacionais, Kees Blokland (Global Trading) e Parthiban Theodore (OLAM), e os representantes de cinco países africanos produtores de cajus, Carlos Costa e Massogbe Touré, reapresentaram os seus nomes para a reeleição. Robert Yapo, que serviu a Aliança nos dois últimos anos como Vice-Presidente, preferiu não ser reeleito. A secretária da ACA gostaria de expressar a sua gratidão ao Sr. Yapo pelos dois anos em que serviu a ACA. Todos os quatro membros que se recandidataram foram reeleitos e três novos membros foram eleitos:

- Mário Mendonça, diretor da No Fiança (Guiné-Bissau)
- Mamadou Chabi, um produtor de cajus e presidente da

Câmara Nacional de Agricultura do Benim e da rede de Câmaras de Agricultura da África Ocidental (Benim)

• Idrisa Kilangi, diretor executivo da Agor Focus e presidente da Organização de Processadores de Cajus da Tanzânia (Tanzânia).

Depois da eleição, o novo CE decidiu que Carlos Costa continuaria no seu papel de Presidente e Massogbe Touré continuaria como Vice-Presidente. Idrisa Kilangi foi eleito Vice-Presidente, enquanto que os outros servirão a Aliança como membros do CE.

Nós desejamos boa sorte a todos os membros em seu trabalho para a ACA.



Da esquerda para a direita: V. Adams, M. Mendonça, M. Touré, C. Costa, K. Blokland, M. Chabi, I. Kilangi e P. Isaksson

**Conheça os novos Membros do CE**

**Mamadou Chabi (Benim):** Sou produtor de caju com uma plantação de 25 hectares no Benim. Eu tenho atuado como Conselheiro Técnico para agências do governo por mais de 20 anos. Eu espero ansiosamente para me juntar a uma equipe dinâmica, contribuindo para o desenvolvimento do setor africano do caju. Este desenvolvimento não só beneficiará os produtores, mas também as nossas economias como um todo. Estou ansioso para partilhar meu conhecimento e as experiências que eu adquiri no setor do caju em meu país e para desenvolver novas idéias na ACA. E eu me esforçarei para usar a minha rede de especialistas e apoiadores para o benefício da ACA. Eu espero que a ACA mantenha os elementos-chave no Benim melhor informados sobre os progressos, os desenvolvimentos e as oportunidades no setor africano do caju. Eu abrirei canais oficiais de comunicação para os membros da ACA, entre eles a Câmara de Agricultura e o Mecanismo de Coordenação Nacional para o Desenvolvimento de Cadeias de Valor Agregado.

**Mário Mendonça (Guiné-Bissau):** Eu estou envolvido com este setor desde 1994 através do Projeto de Promoção de Comércio e Investimentos (TIPS), financiado pelo USAID. Como coordenador da EnterpriseWorks, eu participei da criação da ACA em Bissau, em 2006, e ajudei a organizar o primeiro encontro do comitê nacional da ACA. Eu promoverei a ACA em nível nacional e mobilizarei fundos para a Aliança a partir dos nossos parceiros. O nosso país, a Guiné-Bissau, espera que a ACA ajude a atrair parceiros de negócios e investimentos.

**Idrisa Kilangi (Tanzânia):** Eu sou um processador de cajus com 15 anos de experiência no setor. Eu também sou o Presidente da Associação de

Processadores de Castanhas de Caju da Tanzânia, de forma que eu trago comigo uma ampla gama de contatos e experiências para a ACA. Meu principal interesse é melhorar a eficiência de processamento e a qualidade do caju. Através das minhas atividades na ACA, eu trabalharei para expandir os mercados internacionais para os cajus africanos e alcançar benefícios para processadores e produtores de pequena escala. A Conferência da ACA na Tanzânia já deu uma contribuição para isto: agora o mundo todo sabe que a Tanzânia produz cajus muito saborosos!

**Parthiban Theodore (Olam):** Os cajus têm sido uma parte central das operações mundiais da Olam desde a sua abertura. É nosso objetivo trazer a nossa experiência em relação ao caju de várias partes do mundo para fazer com que o setor seja sustentável na África. Com esta finalidade, nós assumimos o comando ao estabelecer instalações de processamento em Moçambique, na Tanzânia, na Nigéria e na Costa do Marfim. A Olam também tem sido ativa na organização de mostras itinerantes, campanhas com pôsteres e no rádio e medidas de construção de capacidade local para melhorar a qualidade das castanhas de caju *in natura* e práticas de pós-colheita. A Olam é um membro fundador da ACA e nós permanecemos comprometidos em fazer dela uma organização pan-africana do caju que possa levar o setor a uma posição de competitividade global. Eu confio que a nossa presença e experiência sejam úteis para contribuir com este fim. Como um Gerente Geral na Olam, eu supervisiono os negócios de caju na África e eu tenho estado intimamente envolvido com as várias partes da cadeia de valor deste setor desde 2001.

### A ACA na Mostra "Gostos" de Alimentos em Nova Iorque:

Em nome da ACA, o Sr. Carlos Costa e o Sr. Kees Blokland, membros do Comitê Executivo da ACA, representaram a ACA na

Mostra "Gostos" de Alimentos em Nova Iorque, de 29 de junho a 1º de julho de 2008. Esta exposição ocorreu no centro de Manhattan, em Nova Iorque, e compradores de vários setores estavam presentes. Os clientes eram principalmente dos EUA, mas nós também encontramos algumas pessoas interessadas vindas de outras partes do mundo.

A ACA tinha um estande mostrando castanhas de caju africanas e distribuindo brochuras da Aliança Africana do Caju. O Sr. Carlos Costa e o Sr. Kees Blokland, com a excelente assistência do Sr. Jennings explicaram aos visitantes a reedificação da indústria africana de processamento e mostraram e contaram sobre as instalações de processamento em operação nos vários países produtores de cajus. No total, aproximadamente 200 a 250 pessoas visitaram o estande e mostraram grande interesse. As pessoas cada vez mais se dão conta que a África será o continente do qual se obterá as castanhas de caju no futuro. Isto por causa do fato da maioria das instalações de processamento ter sido construída recentemente e estar de acordo com os padrões alimentares internacionais, mas também devido à qualidade da maior parte da produção africana ser excelente (castanhas bonitas e brancas, de tamanho grande) e, além disto, pelos clientes apreciarem ajudar no desenvolvimento da África através do inventivo econômico, ao invés da doação de dinheiro. Mais uma vez ficou claro que é muito importante a ACA e seus membros estimularem os empreendedores privados (e também estimular os governos africanos locais a darem o seu apoio) a expandir o processamento nos diversos países, de forma que mais volume seja disponibilizado, já que isto é algo fundamental para cumprir com a demanda no futuro próximo.

Esta foi uma mostra boa e a ACA representou e promoveu muito bem a indústria africana do caju. Para obter maiores informações, por favor, contate o Sr. Carlos Costa, [ccosta@moz.com](mailto:ccosta@moz.com) ou o Sr. Kees Blokland, [kblokland@globaltrading.nl](mailto:kblokland@globaltrading.nl)



### A produção de castanhas de caju *in natura* da Gâmbia cresceu mais de 20 vezes em um período menor de 10 anos. Em 2010, espera-se que ela alcance 5.000 toneladas métricas por ano.

"A Gâmbia possui um clima ideal para cajus, condições muito boas de secagem, infra-estrutura e alta qualidade de castanhas de caju com uma baixa contagem de castanhas (190 a 210), um rendimento de 52 a 56 lb de castanhas por 80 kg de castanhas *in natura*", explica Ram Mohan, chefe do Comitê Nacional da ACA na Gâmbia.

O setor agora está dando os primeiros passos em direção ao processamento de cajus. Por exemplo, um processador treinado pelo USAID recentemente recomeçou as suas operações. A companhia de Mohan, a ComAfrique (Gâmbia), e a Senecomex (Senegal), junto com a SAGIC/USAID, estão engajados na distribuição de material de plantio e apoio técnico, bem como na criação de manuais de treinamento para o pós-colheita de castanhas *in natura*. Contudo, ele é rápido em chamar a atenção para o fato de que, enquanto o processamento local está progredindo e é uma solução imediata para agregar valor para os produtores, a agregação de valor na cadeia do caju deveria ocorrer em cada um dos estágios. Os processadores da Índia, entre eles a Western India Cashew, forneceram assistência técnica e começarão em breve empreendimentos locais de processamento. Neste modelo, as ONGs irão treinar comunidades rurais e encorajar o processamento de cajus. Nos modelos de PPP, o setor privado irá enfatizar o acabamento e o controle de qualidade. "Com bons insumos, nós estamos confiantes que a produção do material *in natura* continuará a crescer. O acesso a material *in natura* de boa qualidade a preços acessíveis é a nossa vantagem e nós precisamos manter isto", continua Mohan. "Para o futuro, se os passos certos forem dados, o potencial é enorme. O porto de Banjul tem custos eficientes e fica geograficamente próximo a mercados em crescimento no norte da África, da Europa e do mercado dos EUA".

Mohan destaca a falta de consumo local, a falta de indústrias auxiliares (as quais poderiam usar as castanhas, especialmente as partidas e quebradas, e as cascas das castanhas *in natura* para queimar em fornalhas ou caldeiras) e o desprezo pelos compromissos de livre comércio da CEDEAO como fatores que desempenham um papel importante no sucesso limitado do processamento local na África Ocidental. Os investimentos precisam ser feitos e a infra-estrutura tem de crescer com o crescimento da produção de material *in natura*.

E, além disto, Mohan explica, "as companhias privadas, os governos e as organizações de desenvolvimento estão começando a se dar conta do potencial e das oportunidades que o caju oferece para a Gâmbia". Certamente ninguém quer perdê-las. Para obter maiores informações, por favor, entre em contato com o Sr. Ram Mohan, [rammohan@gamtel.gm](mailto:rammohan@gamtel.gm)

**Diretório Atualizado de Processadores:** Em consequência da Conferência Anual da ACA, o Diretório de Processadores de Caju foi atualizado. Agora o Diretório contém mais de 50 processadores africanos de caju. Você pode descarregar a mais recente versão através do endereço: [www.africanshewalliance.org](http://www.africanshewalliance.org)



Ram Mohan explica a situação de cajueiro a Mario Mendonça



**Fórum de Alto Nível em Acra:** A Diretora dos EUA de Assistência Estrangeira e Administradora do USAID, Henrietta H. Fore, foi informada como a Aliança Africana do Caju está trabalhando durante a sua recente visita ao Gana. A Administradora Fore participou do Terceiro Fórum de Alto Nível sobre a Efetividade dos Programas de Assistência para discutir como os doadores podem conseguir os melhores resultados por meio da assistência para o desenvolvimento. A Administradora Fore foi a anfitriã do "Fazendo parcerias com o setor privado em favor do desenvolvimento", em evento paralelo do Governo dos EUA durante o encontro que apresentou um painel de representantes da Intel, da Greylock Capital Management, da Olam e da Aliança Africana do Caju. A ACA foi representada por Carlos Costa, que falou sobre como a Aliança está se empenhando para alcançar condições competitivas para o setor africano do caju e como pode ser agregado valor para o continente africano através do processamento deste produto na África. Ranveer Chauhan, Diretor Executivo e Chefe Regional da OLAM, também estava participando do painel de discussões. O Sr. Chauhan não só discutiu o papel da OLAM na África Ocidental, mas ele também destacou o comprometimento da OLAM tanto com a Aliança Africana do Caju quanto com outras parcerias público-privadas.



Carlos Costa, apresentado a ACA à Administradora H. H. Fore, R. Chauhan (OLAM) e S. A. Adjei (ECOBANK)

**Conferência nacional do caju na Guiné-Bissau:** Mais de 50 elementos-chave do caju foram a Bissau, de 7 a 9 de outubro de 2008, para a segunda Conferência Nacional do Caju na Guiné-Bissau, organizada pela Comissão Nacional do Caju (CNC).

Com uma produção anual estimada em 130.000 toneladas métricas (TM), a Guiné-Bissau é o quinto maior produtor de castanhas de caju *in natura* do mundo. O potencial de crescimento é enorme, mas da mesma forma são os desafios para este pequeno país da África Ocidental. A área usada para o cultivo do caju está crescendo quatro por cento por ano e espera-se que as exportações alcancem 150.000 TM em 2008, de acordo com André Nanque, Presidente da CNC.

"Mais de 70 por cento dos cidadãos da Guiné-Bissau dependem do caju. Os produtores podem receber uma parcela maior do valor que eles produzem se eles forem organizados", disse Bien Amie, da SNV, uma organização não-governamental (ONG) holandesa e co-organizadora que apóia o setor. De fato, as castanhas de caju da Guiné-Bissau são altamente resistentes a doenças, ainda livres de quaisquer tratamentos químicos, se qualificando, portanto, para a certificação orgânica. A qualidade das castanhas de caju também é excelente, mas isto não se reflete no mercado: o Sr. Daouda Coulibaly, da Auditoria de Controle Especializado (ACE), comparou os preços e as taxas de rendimento entre a Guiné-Bissau (50 a 53 lb de rendimento de castanhas por 80 kg de castanhas *in natura*) e outros países. "As castanhas de caju da Guiné-Bissau deveriam receber um preço *premium* baseado em sua excelente qualidade", ele disse.

Durante a conferência, os benefícios de aumentar a capacidade de processamento foram amplamente reconhecidos. Atualmente, somente 2 a 3 por cento da produção nacional é processada localmente por processadores de micro e pequena escalas. Os obstáculos mais comumente citados para o processamento de cajus foram a falta de financiamento para a compra de materiais *in natura*, a competição de preços por parte dos compradores e um ambiente de políticas não muito amigáveis aos negócios. Apesar destes fatores, espera-se que o processamento comece em breve: dois processadores de capacidade média estão começando as operações e um grupo de investimentos da Líbia está investindo US\$ 4 milhões para estabelecer três plantas com capacidade de processamento de 2.500 TM cada.

Os participantes da conferência delinearão várias recomendações, em particular sobre os termos de referência para um novo instituto nacional do caju e uma lei de processamento, a ser proposta ao governo através do CNC. Uma importante preocupação de todos os participantes foi a de assegurar a sustentabilidade financeira e a independência política do instituto em longo prazo. Os termos de referência e a proposta de lei estão sendo revistos depois das recomendações da Conferência. Os produtores fizeram com que as suas preocupações fossem ouvidas ao insistirem na necessidade de maiores trabalhos de extensão e treinamento – por exemplo, sobre técnicas de cultivo em fileiras alternadas (duas culturas ao mesmo tempo). O governo foi encorajado a reformar as leis alfandegárias e a sua capacidade. Um ponto de parada única para o pagamento de impostos facilitaria o comércio e ajudaria a assegurar que as receitas de impostos sejam reinvestidas no setor. Outra recomendação foi o estabelecimento de um fundo de garantia para a produção e o processamento de cajus, a fim de facilitar o acesso ao financiamento.

A associação moçambicana de processamento de cajus (INCAJU) apresentou as lições aprendidas a partir de suas experiências com um fundo deste tipo. Para obter maiores informações, por favor, entre em contato com o Sr. Mário Mendonça:

[ew\\_gbmendonca@hotmail.com](mailto:ew_gbmendonca@hotmail.com)



**Cadeia de valor do caju se encontra em Acra:** No início de outubro toda a cadeia de valor do caju foi representada durante um encontro nos escritórios da ACA em Acra. Entre os participantes estavam a West African Markets Link (WAML), produtores de

cajus do Distrito Jaman Sul do Gana (representando mais de 1000 produtores de caju), Representantes das Assembléias Distritais, representantes do Ministério de Alimentos e Agricultura do Gana e outros representantes da cadeia do caju (também envolvidos no projeto BMGF). Todos trabalharam no aumento da conscientização na produção, no processamento e na exportação e importação de castanhas de caju da África.

O objetivo do encontro era a assinatura de um Memorando de Entendimento (ME) entre a WAML e os produtores, assegurando à WAML castanhas de caju para a sua nova planta de processamento no Gana e assegurando mercado aos produtores para o próximo ano e, espera-se, por muitos anos mais. Tanto a WAML quanto os Produtores de Jaman Sul assinaram o ME, assim como testemunhas presentes que fornecerão assistência técnica às duas partes envolvidas.

Nós lhes desejamos boa sorte em sua cooperação nos próximos anos. Para obter maiores informações, por favor, contate a Secretaria da ACA: [info@africanshewalliance.org](mailto:info@africanshewalliance.org)

**Cajus na Guiné-Bissau:** No encontro do Comitê Executivo da ACA em Dar es Salaam, na Tanzânia (16 de setembro de 2008), o Diretor da ONG No Fiança, o Sr. Mário Mendonça, colocou os representantes dos países a par dos progressos feitos pelo setor do caju na Guiné-Bissau. Comparadas as safras de 2007 e 2008, ele notou que os preços agora não são mais fixados pelo governo, mas determinados pelo mercado. Os procedimentos de exportação e licenciamento foram simplificados e os financiamentos bancários aumentaram a níveis nunca antes vistos.

"Como resultado disto, toda a cadeia de valor se beneficiou: os preços subiram tanto na porteira da fazenda, quanto para os intermediários e os preços FOB". "Uma parte deste sucesso é devido à abordagem das parcerias público-privadas que buscamos na Guiné-Bissau", disse Mendonça. A No Fiança junta forças com a Heriot, um Fundo de Financiamento de Comércio da África do Sul, a ATE Financiamentos Bissau, uma companhia de comercialização de cajus, a associação nacional de agricultura, as cooperativas regionais e locais, o governo e a ONG holandesa SNV. Enquanto que a Heriot forneceu financiamento para a ATE comprar castanhas *in natura*, a No Fiança ajudou e mobilizou cooperativas e associações de produtores que negociavam preços com os compradores.

"Para poder construir com base em tais histórias", disse Mendonça, "nós estamos trabalhando para desenvolver estruturas para uma aplicação mais sistemática da abordagem das PPP na Guiné-Bissau com o apoio dos nossos parceiros da SNV". Para obter maiores informações, por favor, entre em contato com o Sr. Mário Mendonça, [ew\\_gbmendonca@hotmail.com](mailto:ew_gbmendonca@hotmail.com)



O Comitê Executivo (CE) da ACA reuniu-se em Dar es Salaam, na Tanzânia, no dia 16 de setembro, um dia antes da Conferência Anual da ACA começar.

Os membros do CE que estavam presentes:

Carlos Costa, Presidente da ACA  
Massogbe Touré Diabaté, Vice-Presidente da ACA  
Sr. Parthiban Theodore (Olam)  
Sr. Kees Blokland (Global Trading)

Além deles, Rüdiger Behrens (GTZ) participou como observador e a Secretária da ACA foi representada por sua chefe, Vanessa Adams, por Pernille Isaksson e Christian Dahm.

Os membros do CE examinaram o Relatório Anual da ACA 2007-2008

e avaliaram as prioridades para o Plano de Trabalho 2008-2009.

Eles também discutiram o papel dos chefes dos Comitês Nacionais da ACA, o papel dos membros do CE, bem como a estrutura do CE. Depois de um debate construtivo, os membros do CE decidiram ampliar o seu tamanho ao adicionar mais duas cadeiras para representantes dos países produtores de caju no CE. O novo CE foi eleito no dia seguinte (página 1).



Conferência da ACA: visita à Premier Cashew, Dar es Salaam

Herman uit de Bosch fala sobre o marketing de cajus

Foto de grupo na Conferência da ACA



**Fórum de Agronegócios EUA – África:** Em junho de 2008, Carlos Costa representou a ACA no Fórum de Agronegócios EUA – África. O fórum, que foi realizado em Chicago, foi organizado pelo Conselho Executivo sobre a África (CCA).

Mais de 300 líderes dos setores privado e público dos EUA e da África discutiram e trocaram idéias em relação a investimentos na produção agrícola, processamento e marketing de alimentos, produtos de combustíveis e de alterações climáticas.

O fórum de dois dias incluiu sessões específicas de setores, oportunidades de



contatos e painéis que trataram de uma variedade de questões transversais, incluindo o financiamento, os mercados de negócios de produtos de consumo e segurança dos alimentos, o investimento em infra-estrutura para conectar os mercados da África, a melhoria dos sistemas de informações de mercados, a inovação de produtos, o cultivo comercial, a criação de animais e investimentos, o crescimento das indústrias farmacêutica e de biocombustíveis, a negociação de créditos de carbono e a tecnologia de produção. O Sr. Costa fez uma apresentação da ACA, incluindo os objetivos da Aliança e como ela está trabalhando para desenvolver e melhorar o setor africano do caju. A apresentação foi bem recebida pela audiência, servindo como um bom exemplo de comercialização produtos agrícolas africanos. Para obter maiores informações, por favor, contate o Sr. Carlos Costa, [ccosta@moz-gmail.com](mailto:ccosta@moz-gmail.com) ou visite o site [www.africa-agribiz-ppp.com](http://www.africa-agribiz-ppp.com)



**Em janeiro de 2008,** Lars Wallevik e Kristine Munk, da Dinamarca, visitaram o Gana com a intenção de investir no país, a fim de ajudar a estimular o crescimento econômico e a criação de empregos. Embora eles originalmente tivessem pensado em criar uma companhia no setor madeireiro, em julho eles inauguraram a Mim Cashew and Agricultural Products Ltd., localizada na região central do Gana. “O meu pai, Paul Wallevik, viveu no Gana por 17 anos, de 1957 a 1974, quando estava no setor de móveis”, explica Lars Wallevik, em um e-mail. “Ele gosta do Gana e queria ajudar o país a melhorar os seus rendimentos com exportações e estabelecer boas oportunidades de emprego.

“Nós visitamos uma companhia que ele iniciou no final dos anos 60 – a Scanstyle Mim Ltd. -, e descobrimos que havia uma plantação de cajus e uma fábrica que estavam à venda do outro lado da rodovia. Nós nos demos conta que a propriedade seria uma base ideal para estabelecer-se no Gana e criar empregos e rendas com exportações”.

A inscrição como membro na Aliança Africana do Caju ajudou a Mim Cashew a colocar-se rapidamente a par de questões do setor e entrar em contato com outros membros para procurar assistência técnica.

“A principal coisa é criar uma rede e ter a possibilidade de entrar em contato com outros processadores e compradores”, disse Lars Wallevik. “Isto é de grande valor. A ACA tem nos colocado em contato com pessoas técnicas. E isto tem sido uma grande ajuda”.

Em setembro, os fundadores da Mim Cashew participaram da terceira conferência anual da ACA na Tanzânia.

“Ouvir as perspectivas dos compradores foi de grande valor para nós como processadores”, diz Lars Wallevik. “E depois escutar os desafios de outros processadores também foi de grande valor. “Nós nos encontramos com consultores técnicos, que lá estavam, e com fabricantes de equipamentos de processamento”.

“Nós tivemos a chance de discutir os desafios que você enfrenta quando está processando. E recebemos bons conselhos gerais sobre como atingir os objetivos de crescimento”. A plantação e a fábrica de processamento existentes, as quais foram compradas por Wallevik, estavam fechadas havia muitos anos. Eles continuam no processo de renovação da fábrica e das plantações, mas tiveram a sorte de poder recontratar muitos dos funcionários antigos, explica Wallevik.

“O maior desafio no Gana provavelmente é a logística – obter o fornecimento de peças, equipamentos etc. em uma localização remota”, diz Wallevik. “Os desafios técnicos de colocar uma fábrica em operação também são significativos no Gana. As coisas levam tempo para serem estabelecidas aqui e isto também é desafiador”.

Mas Wallevik diz que os fundadores estão otimistas.

“Nós planejamos aumentar a capacidade de processamento no próximo ano e recomeçar a destilaria Mim Cashew Fruit Brandy”, ele diz.

Para maiores informações sobre a MIM Cashews, por favor, contate Kristine Munk através do endereço [kristine@mimcashew.com](mailto:kristine@mimcashew.com)



**USAID**  
FROM THE AMERICAN PEOPLE